

Monstro de duas cabeças

Alberto Luiz de Andrade Neto¹ e Will Lucas Silva Pena²

1 Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFSC) e bacharel em Museologia (UFSC). Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alberto_andrade_net@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3382-1230>. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/2736343582466164>. Palhoça, Brasil.

2 Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (PPGAS/UnB). Mestre em Antropologia (com ênfase em Arqueologia Histórica) pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN/UFMG) e bacharel o em Ciências Sociais (UFMG). Universidade de Brasília. E-mail: wlspena@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7863-2425>. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8992986577379412>. Brasília, Brasil.

Jogada 01

Este ensaio tem sua origem em diversos encontros. Longe de querer detalhá-los, mencionamos dois: o dia em que nos conhecemos, pelo acaso, em terras estrangeiras às nossas: Brasília, cidade em que “*tudo confunde. Nada lembra lugar algum*” (Hatoum, 2017, p. 28). Como em um filme clichê, dois desconhecidos dividem um táxi até a rodoviária e iniciam, ao se despedir, uma amizade, o prefácio de uma. Muitas trocas desde esse episódio, diminuindo as distâncias de nossas lonjuras: um mapa dobrado entre Palhoça (SC) e Belo Horizonte (MG). Outro encontro: aquele com a entrevista da professora Sabrina Sedlmayer com a artista Rivane Neuenschwander (2014). Nela existe um “jogo” em que Sedlmayer envia poemas para Neuenschwander, e essa última responde com a cena de um filme, um lugar e trabalhos de arte (pinturas, peças escultóricas, fotografias, entre outras). Encantados com a proposta, decidimos jogar.

Num primeiro momento, adaptamos as regras e jogamos ao bel-prazer, sem intenções que não aquela: jogar. Um de nós enviava trechos literários e poemas de escritoras e escritores de Minas Gerais, ou que passaram, de modo especial e profundo, por esse Estado; o outro respondia com trabalhos de artistas visuais também de Minas – uma remodelagem da entrevista de Sedlmayer e Neuenschwander (2014). No correr das trocas – das jogadas, como passamos a chamar –, longos diálogos ganhavam palco. O encontro do anjo esbelto de Adélia Prado com o *Aqui e Agora* de Marilá Dardot acendia em nós cenários distintos. Nossa vontade, se havia alguma, era apresentar, de um para o outro, alguma lista de referências literárias e artísticas do contexto mineiro. Logo percebemos, no entanto, que o jogo acionava margens terceiras, campanários por onde, sem pressa, nos detínhamos.

Alegres com as possibilidades abertas, decidimos embarcar em mais uma partida, que apresentamos neste ensaio. No “jogo” atual, com um debruçar-se mais extensivo e com um status público, tornou-se significativo a nós ampliar as trocas e caminhar por outras perspectivas. Como fio condutor, estabelecemos o entrelace entre o campo da(s) política(s) e o da(s) arte(s). Will Lucas Silva Pena ficou responsável pelas jogadas com os poemas e as outras literaturas. Já Alberto Luiz de Andrade Neto apostou com as pinturas, fotografias, esculturas, etc. O formato final para o “jogo” acabou seguindo uma estrutura de colocar primeiro os textos e, logo após, incluir os trabalhos de arte. Mas as jogadas não aconteceram nessa ordem; um trabalho poderia vir antes de um texto, e vice-versa. Ao final, as jogadas foram passadas a limpo e optamos por essa configuração.

Em palestra no Museu de Arte de São Paulo (MASP), Sedlmayer (2017) apresentou a produção artística de Neuenschwander sob o viés de certo “devir-criança”. Para isso lembrou a entrevista que citamos há pouco, pois a ideia do “jogo” é um aspecto muito presente no trabalho da artista escolhida para o diálogo. A proposta de uma entrevista como um “jogo” foi também uma forma de a entrevistadora/jogadora seguir os mesmos procedimentos que estão entretecidos em um modo de fazer artístico: uma retomada da criança, à la Walter Benjamin, e da dialética benjaminiana de um campo aberto entre a criança e um brinquedo. Essa via de mão dupla se desdobra em um entendimento dos meandros de um procedimento artístico e estabelece, ainda, o movimento que forja a relação na entrevista – um jogo cujo resultado é maior do que o da soma das unidades.

Aproximando os trabalhos de Neuenschwander à poesia e, no mesmo sentido, afastando-os da prosa, Sedlmayer estava empenhada em construir um panorama dos *intercessores* (Deleuze, 1992) que compreendiam a esfera de interesses da artista naquele momento. Na mesma trilha, a gênese do “jogo-ensaio” que ora apresentamos tem proximidade com as reflexões tecidas por essa dupla de *intercessoras* que elegemos: Sabrina Sedlmayer e Rivane Neuenschwander. E, no ínterim dessas jogadas, levantaremos outras *intercessoras* e *intercessores* ao tabuleiro.

O “jogo” como motor para estabelecer algumas reflexões sobre política(s) parece, em nosso entendimento, possuir uma dinâmica significativa frente às preocupações com a história do tempo presente que carregamos, pois pode funcionar como uma narrativa que mais sugere do que reivindica “cristalizações”. O espaço opaco, controverso e ambíguo abriga uma série de possibilidades e considerações desses tempos. Para nós, essa dimensão com “qualidade de poesia” pode ser uma alternativa diante dos discursos intransigentes estabelecidos pelas análises que se dizem mais panorâmicas.

Levando a sério a proposta de Sedlmayer com sua “entrevista-jogo”, a qual também aponta para uma “qualidade poética” na forma de costurar reflexões, entendemos que os processos que originaram este ensaio estão guardados entre os versos, na seleção dos textos, na escolha das produções artísticas, nas conversas com xs artistas que autorizaram a reprodução de seus trabalhos por aqui, entre outras relações e dinâmicas. Por isso a prosa é curta e introdutória; neste momento, clamamos pela poesia.



Jogada 02

“A SERRA elétrica das cigarras parou
Tão de repente que o dia,
que ela partia em dois,
num estalo deitou ao chão suas metades.
Ficou só esta poça de silêncio,
indiferente,
e um tremor de alfinetes ardendo
dentro da caixa
de onde se abre o *quem*.”

– Cláudia Roquette-Pinto, *A Serra*, em *Corola*, 2000.



Figura 1
Dalton Paula, *A cura*, 2016 (Detalhe. Créditos: Paulo Rezende).

“Neste mês, as cigarras cantam
 e os trovões caminham por cima da terra,
 agarrados ao sol.
 Neste mês, ao cair da tarde, a chuva corre pelas montanhas,
 e depois a noite é mais clara,
 e o canto dos grilos faz palpitar o cheiro molhado do chão.

Mas tudo é inútil,
 porque os teus ouvidos estão como conchas vazias,
 e a tua narina imóvel
 não recebe mais notícias
 do mundo que circula no vento.”

– Cecília Meireles, trecho de *Elegia*, em *Mar absoluto e outros poemas*, 1945 [2008].



Figura 2
 Isaka e Ibã Huni
 Kuin, *Nai basha
 masheri*, 2014.

“Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.”

– Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 1960 [2006].



Figura 3
Marcelo Cidade, *A grande mesóclise*,
2018 (Créditos:
Bruno Lopes).

“Deste lado
da cerca do jardim
estamos
do outro lado
o mundo
dias inteiros
bateram contra a cerca
e vemos agora seus pedaços
entre os cogumelos podres
no chão
pássaros voltam do inverno
o tempo é de recomeço
e o jardim sobreviveu
ao moinho das estações
também nós
nos reerguemos
sobre as cinzas e as bombas e os cadáveres
nenhum jardim
é inocente.”

– Ana Martins Marques, trecho de *Um jardim para Ingeborg*, em *O livro dos Jardins*, 2019.

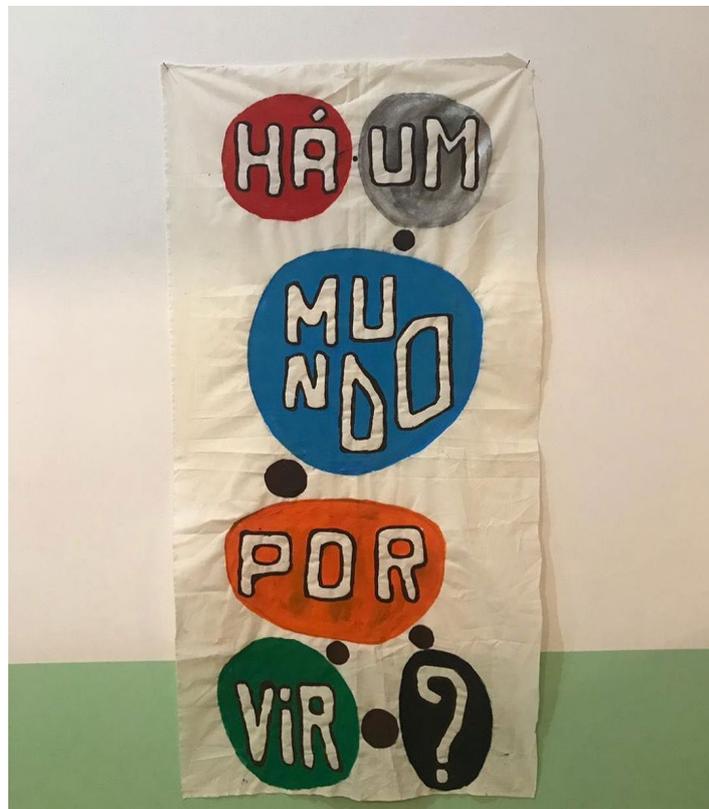


Figura 4
#CólereAlegria
(Imagem: Reprodução).

“Várias espécies de canto:
o outono rompe o fruto,
sementes se constelam.
Trilam oblíquos três pássaros.
Pulsando o coração à sombra:
o passado aflora,
brilha o presente num ímpeto
mais claro.
Tantas bocas cantando
num sol futuro.

No reverso do canto
que vibra, na hora,
mergulha calada uma raiz
profunda.”

– Dora Ferreira da Silva, trecho de *Música III*, em *Poesia Reunida*, 1999.



Figura 5
Ana Matheus
Abbade, *Travesti é
O Poder*, 2015 até
momento pre-
sente.

“Os escaravelhos tomaram a cidade
e os namorados morreram surpresos
nos bancos elétricos da praça.
De repente, as abelhas aprenderam
a fazer urânio
com as flores envenenadas
e os pássaros verdes ensinaram
ao sol como chocar granadas.

Ninguém gritou o ventre do tempo
cheio de hóstias anticoncepcionais
contra a pluralidade dos séculos.

O poeta é responsável pela
Humanidade.
Mas o poeta tem cu e tem medo.
O poeta tem conta no banco.”

– Aldisio Filgueiras, trecho de *Estado de Sítio*, em *Estado de Sítio*, 1968 [2004].



Figura 6
Mabe Bethônico,
Speaking of Mud,
2019 (Detalhe).

“De que me vale o verso feito
de barro
se não houver
quem
o sobre?”

– Nydia Bonetti, em *Sumi-ê*, 2013.



Figura 7
Raquel Versieux,
*Forma de medir
saúde*, 2016.

“Provisoriamente não cantaremos o amor,
 que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
 Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
 não cantaremos o ódio, porque este não existe,
 existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
 o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
 o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
 cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
 cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte.
 Depois morreremos de medo
 e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.”

– Carlos Drummond de Andrade, *Congresso Internacional do Medo*, em *Sentimento do Mundo*, 1940 [1998].



Figura 8
 Sonia Gomes,
Eu Me Levanto,
 2018 (Detalhe.
 Crédito: cortesia
 de Mendes Wood
 DM São Paulo/
 Bruxelas/Nova
 York e artista).

“perceber
em cada verdade
pétalas de ferrugem

curar
mas como queijo
o trauma que a história abre
o menino historiador com febre de fotos antigas
hiroshimas e holocaustos
percebe que não é besta plantar árvores

amar
sem ter vergonha do verbo nos infinitos
a única concordância entre os povos da babel”

– Cássio Corrêa, em *No meu tempo era tudo anacrônico*, 2019.



Figura 9
Mariana Berta,
Vendo mel puro,
Concórdia – SC,
2019.

“Quando abro um dos livros de poesia das amigas e dos amigos, penso: quando eu crescer quero escrever assim. Deslizo os dedos na timeline para ver as novidades políticas, rir dos memes, descobrir novos poemas e me deparo com o post de alguém que me põe a refletir e que minutos depois se perde em meio a essa modernidade líquida: os canalhas detestam a poesia. Lembro dos livros dos amigos e das amigas, dos livros lindos das amigas e dos amigos, das pequenas tiragens, do número de leitores que não temos e me ponho mais triste do que uma casa sem uma estante de livros.”

– Andri Carvão, *os canalhas detestam a poesia*, em *Poemas do Golpe*, 2019.



Figura 10
Traplev, frase
sampler (série),
2016/17, instalação temporária
no cruzamento da
Haddock Lobo com
o Elevado no bairro
do Estácio, RJ.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. 1940 [1998]. *Sentimento do mundo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record.
- BONETTI, Nydia. 2013. *SUMI-Ê*. Editora Patuá.
- CARVÃO, Andri. 2019. *Poemas do golpe*. Editora Patuá.
- CORRÊA, Cássio. 2019. *No meu tempo era tudo anacrônico*. 1. ed. Editora Urutau.
- DA SILVA, Dora Ferreira. 1999. *Poesia Reunida*. São Paulo: Topbooks.
- DELEUZE, Gilles. 1992. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34 (Coleção TRANS).
- FILGUEIRAS, Aldísio. 1968 [2004]. *Estado de sítio*. Manaus: Uirapuru.
- HATOUM, Milton. 2017. *A Noite da Espera*. São Paulo: Companhia das Letras.
- JESUS, Carolina Maria de. 1960 [2006]. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 8. ed. São Paulo: Ática.
- MARQUES, Ana Martins. 2019. *O livro dos jardins*. 1. ed. São Paulo: Quelônio.
- MEIRELES, Cecília. 1945 [2008]. *Mar absoluto e outros poemas: retrato natural*. Rio de Janeiro: Frente.
- ROQUETTE-PINTO, Claudia. 2000. *Corola*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- SEDLMAYER, Sabrina. 2014. Entrevista com a artista Rivane Neuenschwander. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, nº 3, v. 24. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8532> Acesso em: 08 de março de 2020.
- SEDLMAYER, Sabrina. 2017. *MASP Palestras. Perdidos e Achados: infância e história na obra de Rivane Neuenschwander* (Vídeo). Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=piRyhVeQP3g> Acesso em: 12 de março de 2020.

Agradecimentos

Um profundo agradecimento às/aos artistas – Ana Matheus Abbade, Dalton Paula, Ibã Huni Kuin, Mabe Bethônico, Marcelo Cidade, Mariana Berta, Raquel Versieux, Sonia Gomes e Traplev – que, gentilmente, cederam os direitos de reprodução dos seus trabalhos para essa pesquisa. Somos gratos também às intercessoras Rivane Neuenschwander e Sabrina Sedlmayer.

Recebido em 24 de março de 2020 e aceito em 22 de abril de 2020.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

